

Apresentação do espetáculo



Apresentação do espetáculo

Maristela Bairros Jornalista Editora de Cultura /Crítica de Teatro.

UM MONÓLOGO SOBRE A SOLIDÃO

O que pode ser mais solitário do que um ator num palco interpretando um monólogo sobre a solidão? Só mesmo a solidão do diretor. Eu acho, pelo menos. E a gente ri, debocha do personagem, da situação, da vida. Como na vida.

Vicente Pereira, que Deus o tenha, foi um catalisador deste sentimento de fim de século/fim de milênio que nos cerca e preeche: estamos todos sós. Miseravelmente reunidos, apertados uns contra os outros, enchendo cada milímetro deste planeta. Mas continuamos sós.

Nada de "gente" na lua. Nem o ET sobrevivente de Varginha para dizer ao menos como é no lugar de onde ele veio. Nada. Nada. Só a gente lutando para fazer dinheiro, ir ao mercado, pagar a conta do celular e, quando em vez, sonhar um pouco, através da Net de preferência, para não ter de sair de casa.

Pois a verdade é que, nestes tempos de Internets, Bill Gates, réveillons de ano 2000 e outros quetais, andamos de quatro dentro de nossas cavernas mentais. E não achamos a saída.

Engraçado é que contamos os dias, mesmo que forçados pela Globo, para os tais 500 anos do descobrimento desta terra em que se plantando tudo dá. E daí? O que é que a gente fez de mais nestes 5 séculos? Aprendeu a ser mais solidário? Aprendeu a repartir? Aprendeu? Aprendeu?

O cinemeiro que levou cano da namorada e que se masturba (êta ato solitário mais frustrante... apesar de eficiente, é verdade...) é uma variação do bem-casado que sonha com amante dez vezes melhor que o original que o acompanha.

A infeliz que tem prurido anal e que bebe para lembrar e não para esquecer e que aceita um cara-metade (literalmente, já que tem a metade do tamanho dela) é o contraponto de quem sai pela noite caçando e abatendo. E acorda de manhã com aquele gostinho de guarda-chuva na boca. Ou de outras coisas, também...

O milionário babaca que anseia pela cor de uma violenta ruptura na vida - e bem que podia ser o suicídio da mulher - não se diferencia do tipo que faz festas "intimas" para 2 mil pessoas em Punta del Este e precisa espalhar filhos pelo mundo para garantir que está vivo.

E a putana portenha? Por Diós, que dolor! Sozinha, sozinha, com a casa povoada de recuerdos. Mas, de todos os personagens, a mais transgressora - a que aceitou o jogo da vida sem maquilar a realidade com grinaldas de diamantes e noites de núpcias.

O fecho deste mundo desbragadamente triste, e, enquanto triste, sujeito ao riso, só poderia o que fecha o ciclo da vida. O velho, aquele que já experimentou. Que, teoricamente, já pode refletir sobre alguma coisa. E cabe a ele carregar toda a nostalgia de tempos que de bom e bonito só tem aparência. Choramos, então, sem culpa, quando ele entrega o amigo



COMÉDIA

(seu complemento? Seu alter-ego? Seu duplo?) de volta ao pó. Pó da estrada. Pó das estrelas. Do ator que se divide em cinco pontas, como uma destas estrelas que ilustram livros infantis, se exige o dom da multiplicidade sem a perda da unidade. Complicado? A vida também é. É preciso estar atento ao que cada personagem lhe assopra ao ouvido.

E estes mortos-vivos vão dizendo mais ou menos assim: agora, faz "eles"rir amarelo, que é prá não haver dúvida sobre a seriedade do momento. Risada desatada? Deixa prá daqui a pouco, antes da paulada seguinte, que é prá não dar muita depressão nessa gente. Isso, assim. É hora de puxar o sentimento. Ora bolas: todo mundo é feito deste material vagabundo que, um dia, se rasga como filó. E que precisa ser devolvido à natureza. Então, nada de sentimentalismos baratos.

Carlos Paixão. Um ator que se move pela capacidade de enxergar o espaço entre as linhas do texto. E, neste espaço, criar. Sem medo de erro. Desta vez,, porém, ele é cinco. E há que conter impulsos e canalizar o riso e a emoção em doses certas. Tirando as simpatias pessoais (ou tentando fazer isso, o que é difícil paca), pelas criaturas de Vicente Pereira, tem gente que tem luz própria quando termina o eco do sinal da ação. A puta decadente e conformada e o velho que pranteia o amigo moribundo, então, me parecem a dupla de ouro neste carteadado.

Ela, porque exacerba sua humanidade, e, assim, se faz carne diante da gente. A razão desta vitalidade? Talvez porque o ator a alimente com uma química de solidariedade a esta que viveu servindo e que hoje nem uso mais tem. Ele, que também chegou ao fim da vida, ou está chegando lá, olhando para trás enquanto pede que o amigo olhe para frente, este homem também nos testa. É a morte, a ceifeira, que ele nos traz, ao final do encadeado de monólogos. E quem quer pensar na morte, depois de rir de um atônito, de uma romântica, de um vaidoso e de uma puta de bom coração?

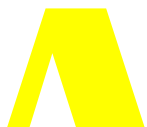
Aí se fala em quem ficou sozinho, tanto tempo, olhando do escuro para a luz, e fazendo, como Deus: soprando aqui, raspando ali, enxertando acolá para dar verdade às criaturas esboçadas pela pena de um autor. E é ele. O diretor Nilton Filho.

Um trajeto que parece ir em linha reta, na direção de um minimalismo cênico que não perdoa um fio de peruca fora do lugar. E que cada vez mais instala seu bunker de trabalho (seria sua ilha?) suspenso no tempo e no espaço por três elementos: a palavra/ação, a luz e o som.

A palavra reduzida ao som. Som com melodia. Sem gratuidades, voltado para a ação, para a soberana figura do personagem guiado pelo ator.

A luz criando a ilusão da realidade. Nada de adereços para poluir, criar poeira na cena. Espaço aberto para a imaginação. Um teatro para o fim de século. Ou começo de milênio, como se queira designar.

SOLIDÃO,



COMÉDIA

A crítica do espetáculo



Reencontro com a boa comédia

Certamente os que lerem o nome de Vicente Pereira como autor de *Solidão*, a comédia, não vão saber quem é ele. Devo à jornalista Maristela Bairros a informação de ser um dramaturgo, recentemente falecido, autor de um sem-número de pequenos sketches ou monólogos, quase sempre cômicos, que surpreendem o sem-sentido e as mazelas do cotidiano, provocando a risada e, ao mesmo tempo, um esgar: ou seja, um autêntico humorista.

Pois é exatamente esta a impressão que trago depois de assistir a este espetáculo, feito de cinco textos curtos do dramaturgo: um homem que espera a namorada no cinema enquanto assiste ao filme de que nem o título sabe; uma mulher que vai encontrar-se com um pretendente anônimo em um bar, provocando inúmeros equívocos; o grã-fino que fala com a mulher enquanto ela está trancada no banheiro; uma prostituta que telefona a antigos fregueses, depois de consultar sua velha agenda; um velho que acompanha seu amigo de infância em seus últimos momentos de vida.

São cinco momentos absolutamente diversos para que o ator Carlos Paixão evidencie todo o seu talento, a sua possibilidade histriônica e emotiva, a partir da direção dinâmica e emocionada de Nilton Filho, com iluminação excelente e cenografia eficiente de Hyro Mattos e do próprio Nil-

ton Filho, preparação vocal de Regina Machado, trilha sonora de Du Barreto, figurinos de Carlos Paixão e Nilton Filho e apoio técnico para língua espanhola de Cláudia Silveira. Em cada situação, Carlos Paixão verdadeiramente cria uma personagem e a desenvolve com profundidade. No caso das figuras femininas, distancia-se o ator do travestimento grosseiro e jocoso, chegando ao envolvimento emocional. O teatro - surpreendentemente lotado, o que é ótimo - vibra, gargalha e se diverte com as tiradas inesperadas das personagens. Mas não deixa de ouvir e compreender os recados muito oportunos e às vezes verdadeiramente profundos que o dramaturgo nos repassa.

O gênero do monólogo é muito difícil de ser feito, sobretudo quando cômico. Mas o texto de Vicente Pereira é simplesmente correto: não há piada idiota, não há perda de equilíbrio ou de ritmo no texto, suas passagens são redondas. Carlos Paixão, por seu lado, apesar da fantástica sauna que sofre, desempenha com correção total, variando sempre em pequenos detalhes, sem jamais apelar a efeitos fáceis.

O resultado de tudo isso é um espetáculo inesperadamente divertido, envolvente e, ao mesmo tempo, provocador. Raras vezes a gente ri tanto e pensa tanto. Um bom momento na cena gaúcha, muitas vezes pobre em bons intérpretes masculinos.

COMÉDIA

**A sinopse
do espetáculo**



COMÉDIA

A sinopse do espetáculo

É um espetáculo formado por cinco textos escritos por Vicente Pereira, que tem como tema a solidão em suas mais diversas formas.

Para uni-los criou-se como elo de ligação, uma conversa informal do ator com o público, onde ele comenta fatos pitorescos e curiosidades, da vida nos bastidores do teatro.

A SÉTIMA ARTE.

Este é o primeiro texto e trata da espera da namorada de um cinéfilo, dentro de um cinema. Como ela não chega este assiste ao filme todo e no transcorrer da película vai vivenciando e sofrendo todos os momentos como se fizesse ele parte da história.

PARIS EM CHAMAS.

É a desfiguração de uma alcoólatra durante o bate-papo no primeiro encontro, marcado em um bar, com um desconhecido que poderá ser um possível candidato a seu namorado. Sem mesmo se conhecerem, usaram como referência as cores das roupas que iriam se apresentar, código que nenhum dos dois respeitaram muito, correndo o risco de nunca se falarem.

FOGUEIRA DAS VAIDADES.

Um novo rico prepara-se para um jantar de gala, que é muito importante para a sua carreira de alpinista social, Enquanto veste-se, fala sozinho e com a esposa que está no banheiro. Esta por sua vez não lhe dá a mínima importância, não lhe respondendo uma só pergunta, fazendo-lhe suspeitar que ela pudesse ter se suicidado.

CORAÇÃO SANTO.

A velha prostituta planeja como recuperar seus antigos clientes. De posse de uma esfarrapada agenda, começa a procurar um a um. A cada telefonema, uma nova surpresa, que a faz refletir e filosofar.

VAMOS FALAR FRANCAMENTE.

O velho Figueiroua tenta dissimular a gravidade da enfermidade de seu melhor amigo, criando situações hilárias e confusas, na tentativa de consolá-lo e estimulá-lo para a vida, o que os dois, nitidamente, sabem que não é possível.



A concepção do espetáculo

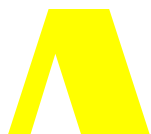


COMÉDIA

A concepção do espetáculo

A idéia de trabalharmos o tema solidão já nos persegue a algum tempo, e segue nos acompanhando nos próximos trabalhos, que tratam também deste assunto. Queremos com isso alertar, denunciar ou talvez somente dizer que estamos muito próximos um dos outros em comunicação eletrônica, mas muito distantes nas ligações interpessoais. Estamos definitivamente ou melhor temporariamente, sós na multidão, *um grito surdo ecoa nos quatro cantos do mundo: - quero ser feliz, quero ter alguém para dividir a minha vida...* E é dentro deste panorama que dirigimos e concebemos o espetáculo anterior, "Fala baixo, se não eu grito de Leilah Assunção, e agora com os textos de Vicente Pereira, que compões o espetáculo "Solidão, a Comédia". Para dizer tudo isso, colocamos o ator só no palco sem um cenário rebuscado, apenas três painéis brancos e duas cadeiras, a luz e o som. E é a arte de interpretar que irá preencher os espaços vazios. O ator é a excelência no palco. Todo o resto deve estar a serviço do ator como complemento de seu trabalho, mas não como substituto dele. Uma grande luz, um grande cenário, uma grande música, não preenche o palco por muito tempo, é imprescindível a presença e a força do ator. E é dentro desta visão que trabalhamos cuidadosamente as ações de cada personagem e valorizando o pequeno detalhe que representa este ser em movimento no palco. Dando desta forma a força necessária para o texto e a vida dinâmica e enérgica aos personagens.

SOLIDÃO,



COMÉDIA

**A música
do espetáculo**

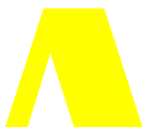


A música do espetáculo

COMÉDIA

A música é uma constante em nossos trabalhos. O teatro não estaria completo sem a melodia dos acordes de um ou mais instrumentos. Colore e intensifica as ações, muitas vezes é um fator determinante para a trajetória da ação. Neste espetáculo toda a trilha foi composta durante a criação de cada cena o músico estava presente a todos os ensaios, pois não seria possível obter o resultado que obtivemos sem a constante interferência do instrumentista com o seu teclado. E que segue atentamente os passos de cada personagem e a pontuação dramática determinada pela direção.

EQUIPAMENTO DE SOM NECESSÁRIO:
UM APARELHO DE CD C/ CONTROLE REMOTO
UMA MESA DE SOM
AMPLIFICADOR
DUAS CAIXAS DE RETORNO



COMÉDIA

**A luz
do espetáculo**

SOLIDÃO,



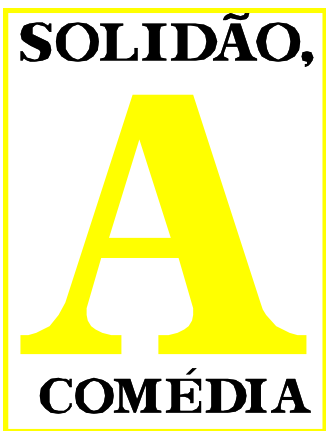
A luz do espetáculo

COMÉDIA

A Luz é o outro elemento, tão ou mais, importante que a música, não saberíamos definir qual tem o maior valor, neste caso principalmente. As diversas situações e locais onde transcorrem as cenas, não seria possível ser compreendido, se não houvesse os efeitos de uma iluminação cuidadosa e precisa. Trabalho desenvolvido em cada ensaio pelo iluminador, passo a passo, na construção das cenas. Como não há cenário específico para cada situação, se não fosse a luz, estaríamos sempre no mesmo espaço, o palco. Com a luz procuramos estabelecer os códigos necessários para transportar o espectador para os mais diversos lugares por onde transitam os personagens.

EQUIPAMENTO MÍNIMO DE ILUMINAÇÃO:

18 PLANOS CONVEXOS DE 1000W
04 FRESNEL DE 1000W
05 ELIPSOIDAIIS DE 1000W C/PORTA GOBO
MESA DE 24 CANAIS

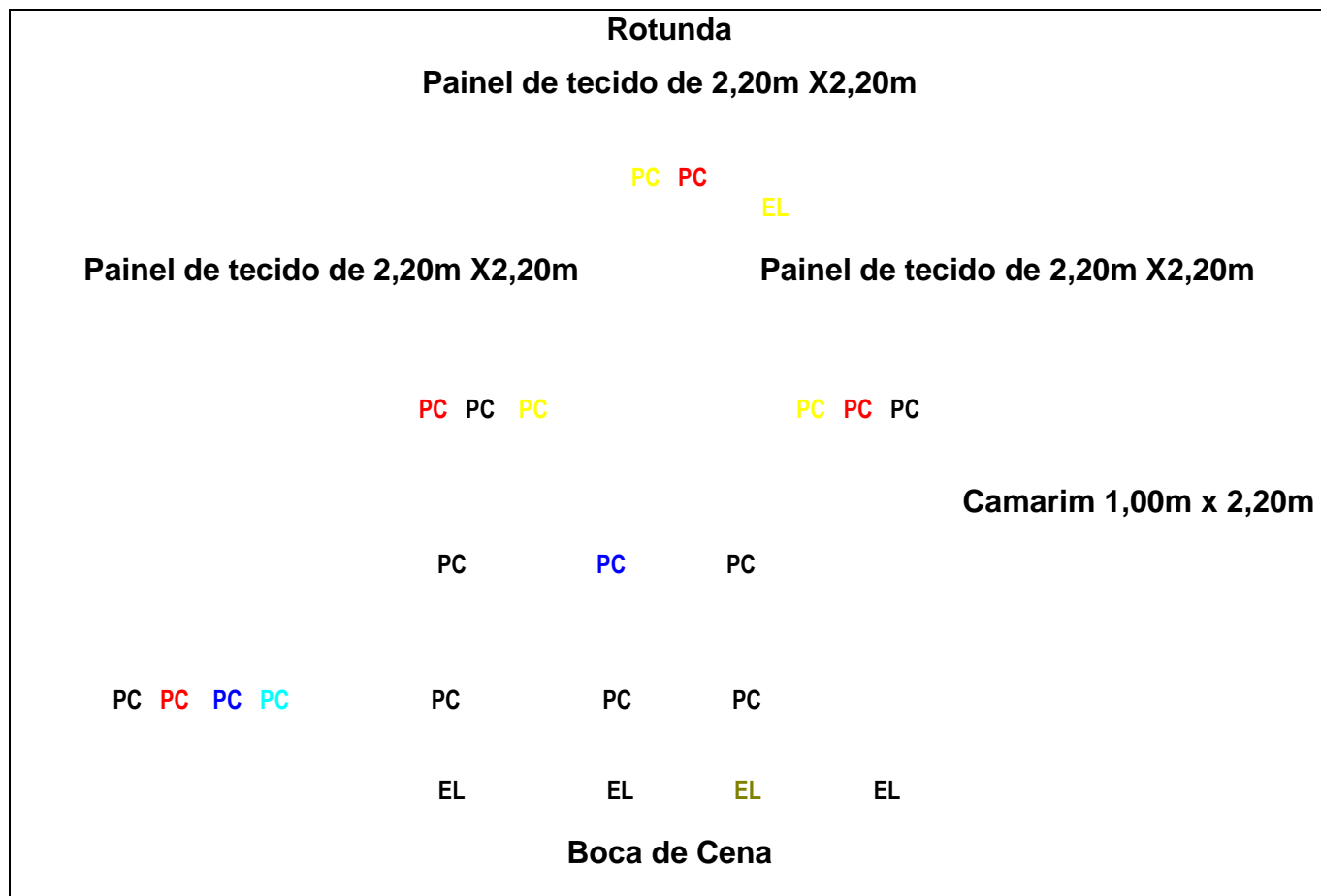


A planta de iluminação



COMÉDIA

Planta de luz



LEGENDA	
PC DE 1000W COR AZUL -----	PC e PC
PC DE 1000W COR VERMELHO -----	PC
PC DE 1000W COR AMARELO -----	PC
PC DE 1000W COR BRANCO -----	PC
ELIPSOIDAL DE 1000W COR AMBAR -----	EL
ELIPSOIDAL DE 1000W COR BRANCA -----	EL

Hyro Mattos



COMÉDIA

**O cenário
do espetáculo**



COMÉDIA

O cenário do espetáculo

O cenário é simples, e tem como objetivo valorizar a figura do ator, é composto por três painéis de dimensões iguais, 2,20m X 2,00m, em tecido branco, dando a necessária estrutura de apoio a luz projetada, que determina cada situação. Há também duas cadeiras, que transitam de acordo com a necessidade de cada cena e em um canto a direita do palco, fora da área de atuação, está esboço de camarim onde tem um espelho, um cabide, e uma bancada em que estão expostos todos os elementos que irão compor cada personagem, onde a cada troca de cena o ator prepara-se enquanto conversa informalmente com o público.

MATERIAL NECESSÁRIO PARA APRESENTAÇÃO:

O6 SARRAFOS DE: COMP. 2,00m, LARGURA 5cm, ESPESSURA 1/2' polegada.

UMA PENTEADEIRA COM ESPELHO E UMA CADEIRA

DUAS CADEIRAS DE MADEIRA COM O ASSENTO PLANO



COMÉDIA

**O figurino
do espetáculo**



COMÉDIA

O figurino do espetáculo

O figurino, é composto apenas por uma camisa branca e uma calça preta, e nada mais, o que irá transformar e criara a figura de cada personagem são os elementos usados por cada um. Todas as cinco criaturas estão definidas com apenas três elementos que irão compor o seu vestuário. No primeiro será o boné, o colete e as botinas, no segundo será uma peruca longa, um echarpe azul e um sapato de salto azul, no terceiro será a peruca curta masculina, a gravata borboleta e o sapato de duas cores, preto e branco, no quarto será a peruca trabalhada em coque, um lenço estampado se seda e tamancos negros no último quadro o boné xadrez os óculos e os chinelos. Ficando a cargo do ator interpretação a vida e a força de cada um.



COMÉDIA

**A ficha técnica
do espetáculo**



A ficha técnica do espetáculo

COMÉDIA

Autor: Vicente Pereira

Direção: Nilton Filho

Ator: Carlos Paixão

Criação de Luz: Hyro Mattos e Nilton Filho

Criação Musical: Lourenço Schmidt e Hyro Mattos

Apoio Técnico em língua Espanhola: Cláudia Silveira

Preparação Vocal: Regina Machado

Cenografia: Hyro Mattos e Nilton Filho

Figurinos: Carlos Paixão e Nilton Filho

Cabelos: Nilton Filho

Operação de som: Álvaro Dimare

Operação de Luz: Hyro Mattos

Criação Gráfica: C.T.C. Cia de Teatro Construção.

Fotografias: Cláudio Etges

Divulgação: Clínica da Palavra, Teatro Nilton Filho & C.T.C.

Estúdio de Gravação do CD: Lourenço Schmidt

Produção:



Teatro Nilton Filho

Fone: (51) 3233 0449 / Fone Fax: (51) 3221 7081

e-mail: hyro@cpovo.net

End: Rua Grão Pará, 179 - Menino Deus.

CEP: 90850-170 PORTO ALEGRE – RS

SOLIDÃO,



COMÉDIA

**A C.T.C.
Cia. de Teatro Construção**



COMÉDIA

A C.T.C. Cia. de Teatro Construção

A C.T.C. - Cia. de Teatro Construção fez sua estréia em 78, como grupo de teatro Construção, com a montagem do texto de Fernando Melo: "Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá", numa tournée pelo interior do estado do Rio Grande do Sul, tendo recebido o troféu de melhor espetáculo e de melhor ator, para Nilton Filho, no IV Festival Estadual de Teatro. De lá para cá, vem realizando inúmeros trabalhos nesta área, nos quais destacamos os seguintes: "Greta Garbo, quem diria, acabo no Irajá", em nova montagem, em 86 "Duas Histórias Numa Vida", de Luciana Carvalho e direção de Nilton Filho, em 87. "Jorginho, o Machão", de Leilah Assunção, direção Nilton Filho, em 90. "Um Deus Dormiu Lá em Casa", de Guilherme de Figueiredo e direção de Nilton Filho em 91/92, "Nada Pessoal", de Miguel Falabella, Jaime Cimenti e Vicente Pereira, com direção de Nilton Filho, em 93/94, "Mandárora", de Nicolau Maquiavel, e "As Artimanhas de Sganarello", de Molière, que estrearam em maio de 95.no Teatro Carlos Carvalho, da Casa de Cultura Mario Quintana, permanecendo em cartaz até 96 e excursionando pelo interior do estado. Em junho de 98 estreou a peça de Leilah Assunção "Fala Baixo Se Não Eu Grito" com Hyro Mattos e Regina machado música ao vivo de Luis Alves e direção de Nilton Filho, permanecendo em cartaz até 99. Também estreou em julho de 2000, na abertura do IV Festival Nacional de Monólogos de Marília em SP, o espetáculo "Quarta-feira, sem falta lá em casa" de Mário Brasini com as atrizes Odette Picheco e Maju Volkmer, sob a direção de Nilton Filho permanecendo em cartaz até janeiro de 2001. A C.T.C. mantém a E.I.T. Escola Itinerante de Teatro, onde circula por várias cidades levando cursos de artes cênicas, como os de Técnica Vocal para Cantores e Atores, Expressão Corporal, Ritmo e Musicalização Corporal, Direção, Interpretação, Improvisação, Teatro na sala de Aula, Teatro, na Terceira Idade, Máscaras, Iluminação, Adereços, etc. Salientamos, ainda a ativa participação da C.T.C. em festivais, encontros, debates, palestras, seminários, e a participação de seus membros como oficineiros e jurados de vários festivais de teatro. Atualmente está em cartaz com a peça "Solidão, a Comédia" no Teatro Nilton Filho, em Porto Alegre. O espetáculo, "Solidão, a Comédia, recebeu do I Festival Nacional de Monólogos de Avaré SP., de 25 março a 02 de abril de 2000, os seguintes prêmios: **Melhor Espetáculo Júri Técnico, Melhor Espetáculo Júri Popular, Melhor Diretor, Melhor Ator, Melhor Iluminação e Melhor Figurino**, além das seguintes indicações para sonoplastia, cenário e maquiagem. E no IV Festival Nacional de Monólogos de Marília, SP., de 22 a 30 de julho de 2000, recebeu os seguintes prêmios, **Melhor espetáculo Melhor Ator para Carlos Paixão, Melhor direção para Nilton Filho e Melhor iluminação para Hyro Mattos.**

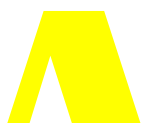
SOLIDÃO,



COMÉDIA

Em janeiro e fevereiro de 2001 participou com os espetáculos; Quarta Feira, Sem Falta, Lá em Casa, e Solidão a Comédia, no Teatro Nilton Filho, do maior evento de teatro do novo Milênio, em Porto Alegre, que foi o **PORTO VERÃO ALEGRE**, onde mais de 25 mil espectadores assistiram aos espetáculos.

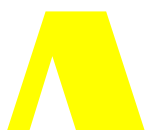
SOLIDÃO,



COMÉDIA

**O diretor
Nilton Filho**

SOLIDÃO,



COMÉDIA

O diretor Nilton Filho

Diretor, professor, arquiteto, ator, cenógrafo, iluminador, maquiador. Iniciou a carreira de Artes Cênicas em 69, no curso de Teatro do Colégio Anglo Latino em São Paulo. Desde então, consta de sua trajetória: cursos com Túio Amaral, Bia Lessa, David Hermann (inglês), Tereza Nodar (argentina), Norbert Germany (belga), Alexey Birger (russo), entre outros. É técnico e professor de teatro convidado pelas Secretarias do Estado da Cultura e de Educação, para ministrar oficinas de direção e interpretação, em todo o interior do estado para professores da rede estadual, municipais, diretores e atores. É jurado e debatedor, tendo participado de vários seminários, congressos e festivais de teatro. Em 91, inaugurou em Porto Alegre, o Teatro Nilton Filho, onde ministra cursos, workshops, oficinas, junto com outros profissionais. Dotada também uma sala de espetáculos. Criou a E.I.T. Escola Itinerante de Teatro, que junto com os profissionais da Cia de Teatro Construção, ministram vários cursos pelas cidades do interior do estado. Foi premiado no VI Festival Estadual de Teatro em 78, pelo seu trabalho como ator em "Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá" de Fernando Melo e direção de José Azambuja em 78. Em 1980 participou do projeto Mambembão com coordenação de Humberto Braga, em Brasília, Goiânia, Rio de Janeiro e São Paulo, com o espetáculo "Revelação do Plausível, A Casa das Múmias" texto e direção de Kido Moraes. Entre suas montagens como diretor, destacam-se: "Duas Histórias Numa Vida" de Luciana Carvalho "Jorginho, o machão" de Leilah Assunção, "Um Deus Dormiu Lá em Casa" de Guilherme Figueiredo e como diretor e ator em "Nada Pessoal" de Miguel Falabella, Jaime Cimente e Vicente Pereira, sendo os mais recente, "Mandrágora" de Maquiavel e o espetáculo infanto-juvenil "As Artimanhas de Sganarello" uma adaptação de "Le medicin malgré lui" de Molière. Em 93 foi a Bogotá na Colômbia, para o encontro da "Escuela Internacional da América Latina y Caribe" como o único representante convidado do Brasil. Ministrou oficina de teatro no II Seminário Nacional para Promoção da Leitura / 97, onde o tema foi Leitura e Memória, na cidade de Encantado. Coordenou o IV Festival do Vale do Paranhana e o VIII Festival Gaúcho de Teatro Amador - VIII FGTA - 97 que foi realizado em cinco Regionais do Estado. Participa do Projeto Integração Cultura Educação, das Secretarias de Estado da Cultura e Educação, que nos últimos quatro anos desenvolveu cursos para professores da rede estadual durante os Festivais: de Teatro de Bonecos e Internacional de Teatro de Canela e participou da coordenação do Festival Estadual Estudantil. Exerceu a função de Diretor Executivo da FETARGS - Federação de Teatro Amador do Rio Grande do Sul no período de 95 a 97. Em 98 participou como convidado da **CITA – Centre International du travail de l'acteur, para a Universidade Teatral de Verão em Genebra na Suíça** no período de



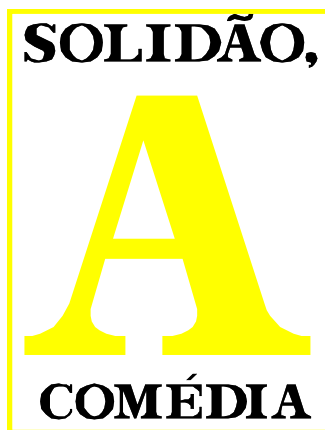
COMÉDIA

julho a outubro onde participou do espetáculo "Théâtre, oh! Bordel!", baseado na obra de Jean Gene, "O Balcão" e sob a direção de Gabriel Alvarez, juntamente com Hyro Mattos que também é da Cia de Teatro Construção e outros 15 atores e atrizes da Europa, sendo somente os dois que representaram o Brasil. Desde 98 é membro do júri nacional do prêmio Multi Cultural do Jornal O Estadão S. Paulo. Em junho de 98 foi a estréia de "Fala Baixo, Se Não Eu Grito" texto de Leilah Assunção, com Hyro Mattos e Regina Machado e música de Luiz Alves, e que ficou em temporada de maio a junho e retornou de novembro de 98 a janeiro de 99. Em novembro de 99 foi a estréia de **"SOLIDÃO, A COMÉDIA" de Vicente Pereira, com Carlos Paixão, música Lourenço Schmidt e Hyro Mattos e Luz de Hyro Mattos.** Estreou "Quarta-feira sem falta lá em casa" de Mário Brasini, com as atrizes Odete Picheco e Maju Volkmer em julho 2000 como convidado para a abertura do IV Festival Nacional de Monólogos de Marília, permanecendo em cartaz até janeiro de 2001. Em outubro de 2000 estreou o Show SAMBA.COM da cantora Gisele Rdrigues dirigido por Nilton Filho e luz de Hyro Mattos, com a participação especial das atrizes Juliana Marques e Andréia Rizzo. O espetáculo **"SOLIDÃO, A COMÉDIA"** recebeu os prêmios de **Melhor Espetáculo, Melhor Direção, Melhor Ator para Carlos Paixão, Melhor iluminação PARA Hyro Mattos e de Melhor Figurino,** no I Festival Nacional de Monólogos de Avaré SP, e no IV Festival Nacional de Monólogos de Marília, **Melhor Espetáculo, Melhor Diretor para Nilton Filho, Melhor Ator para Carlos Paixão e Melhor Iluminação para Hyro Mattos.** Em janeiro e fevereiro de 2001 participou com os espetáculos; Quarta Feira, Sem Falta, Lá em Casa, e Solidão a Comédia, no Teatro Nilton Filho, do maior evento de teatro do novo Milênio, em Porto Alegre, que foi o **PORTO VERÃO ALEGRE**, onde mais de 25 mil espectadores assistiram aos espetáculos.



COMÉDIA

**O ator
Carlos Paixão**



O ator Carlos Paixão

Ator, advogado, seu primeiro trabalho como ator foi em 1978, com o espetáculo "Greta Garbo quem diria, Acabou no Irajá", de Fernando Melo e direção de José Azambuja. . cursou até o 5 semestre do curso de Artes Cênicas da UFRGS, fez cursos com: Nilton Filho, David Hermann, Regina Machado, entre outros. Participou dos filmes "O motorista sem Limite" do Teixeira e direção de Pereira Dias, "O Zepellim Passou Por Aqui" de Sérgio Silva. Consta de sua trajetória as seguintes peças: "As viagens do Balão Azul", texto e direção de Paulo Fontes, em 1985; "O Pagador de Promessas", de Dias Gomes, direção Ilona Chistensen, em 85, "Merlim a Terra Deserta" de Tancred Dorst, direção Arines Ibias, em 85; "Greta Garbo, quem diria, Acabou no Irajá", (nova montagem, em 86) "Ópera La Gioconda", de Giacomo Puchinni, na PUCRS, em 87; "Jorginho, o machão", de Leilah Assunção, em 90 e "Um Deus Dormiu Lá em Casa", de Guilherme Figueiredo em 91/92, ambas dirigidas por Nilton Filho. Em 93, recebeu indicação para o troféu Açorianos de melhor ator, por seu trabalho na peça "Um Deus Dormiu Lá Em Casa". E em 93/94 fez o espetáculo "Nada Pessoal" de Miguel Falabella, Jaime Cimente e Vicente Pereira, direção de Nilton Filho, em 94 e também atuou na peça infantil de Hélio Barcelos, "A Família Monstro", direção de Paulo Guerra. Em 95 estreou os espetáculos; "Mandrágora" de Maquiavel e "As Artimanhas de Sganarello" de Molière sob a direção de Nilton Filho. Fez parte do elenco da peça "Questão de Justiça", de texto e direção de Marcelo Duarte do grupo Voluntários do Palco. Participou Junto com Nilton Filho e Hyro Mattos do encerramento das atividades da Universidade Teatral de Verão, em Genebra na Suíça. Atualmente está em cartaz com o espetáculo "Solidão, a Comédia" de Vicente Pereira com direção de Nilton Filho, música Lourenço Schmidt e Hyro Mattos e luz de Hyro Mattos, em cartaz desde novembro de 99 no Teatro Nilton Filho. Recebeu pelo espetáculo "Solidão, a Comédia, os prêmios de melhor ator e de melhor figurino, no I Festival Nacional de Monólogos de Avaré SP., e no IV Festival Nacional de Monólogos de Marília SP., o de melhor espetáculo e ator. Em janeiro e fevereiro de 2001 participou com o espetáculos Solidão a Comédia, no Teatro Nilton Filho, do maior evento de teatro do novo Milênio, em Porto Alegre, que foi o **PORTO VERÃO ALEGRE**, onde mais de 25 mil espectadores assistiram aos espetáculos.



COMÉDIA

**O Iluminador
Hyro Mattos**

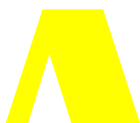


COMÉDIA

O Iluminador Hyro Mattos

É artista plástico, ator, cenotécnico, iluminador, op de luz, aderecista, ministra oficina de máscaras de consciência corporal e de teatro para adolescentes. Iniciou sua carreira como ator, em 1992 quando participou da 'Mostra de Teatro Primeira Vez' com o grupo Sei Lá, no espetáculo "O Pastel", dirigido por Fernando Pecoits, "Primeira Mostra de Teatro de Esteio" com a peça "Vida Intima de Betinha", de vários autores, dirigida por Nilton Filho. Fez cursos, de iluminação com Fernando Ochôa, Gildo Sanchis, de técnica Vocal com Regina Machado, de teatro com Sônia Pellegrino no Teatro do Museu do Trabalho, de interpretação com Nilton Filho, na Oficina de Teatro Nilton Filho, de figurino com Daniel Leon, de cenografia com Rodrigo Lopes e três anos de dança moderna com Eneida Dreher. Ganhou o prêmio de melhor iluminação da peça infantil "Mais Vale um Sotão Mágico do que um Quarto para uma tia" de Laura Peixoto, no V Festival de Teatro Amador do RGS, fase Final em Erechim e "Memórias" direção de Marcelo Aquino no III Festival de Esquetes de Novo Hamburgo. Em 93/94 participou como ator da peça "Nada Pessoal", de Miguel Falabella, Jaime Cimenti e Vicente Pereira e direção de Nilton Filho. Recebeu o prêmio de melhor figurino da peça "Três Peraltas na Praça" de José Valluzi e direção de Ademar Brum, em 97 no VIII Festival de Teatro Amador. Fez parte dos elencos das peças "Mandragora" de, Maquiavel e "As Artimanhas de Sganarello" de Molière, sob a direção de Nilton Filho. Em 98 participou como convidado da **CITA – Centre International du travail de l'acteur, para a Universidade Teatral de Verão em Genebra, na Suíça**, no período de julho a outubro onde participou do espetáculo "Théâtre, oh! Bordel!", baseado na obra de Jean Gene, "O Balcão" e sob a direção de Gabriel Alvarez, juntamente com Nilton Filho que também é o diretor da Cia de Teatro Construção, e outros 15 atores e atrizes da Europa, sendo somente os dois que representaram o Brasil. Participou como ator do espetáculo "Fala Baixo, se não eu Grito" de Leilah Assunção, com Regina Machado e música de Luiz Alves, dirigido por Nilton Filho. É o iluminador e operador de luz do espetáculo "**Solidão, A Comédia**" de Vicente Pereira, com Carlos Paixão e sob a direção de Nilton Filho, e junto com Lourenço Schmidt criou também a sonoplastia e melodia da peça, atualmente em cartaz no Teatro Nilton Filho em Porto Alegre. Recebeu o prêmio de Melhor Iluminação do espetáculo "Solidão, a Comédia" nos seguintes festivais: I Festival de Monólogos de Avaré SP e no IV Festival Nacional de Monólogos de Marília em São Paulo. É o responsável também pela criação de luz do espetáculo "Quarta-feira, sem falta lá em casa", de Mário Brasini que estreou em julho de 2000. Atualmente é o responsável pela operação e criação de luz do espetáculo **Caminhos que Cruzei, Amigos que Encontrei**. De direção Luis Carlos Pretto, e que está em temporada desde maio até junho de 2001 no Teatro Nilton Filho.

SOLIDÃO,



COMÉDIA

O músico
Lourenço Schmidt

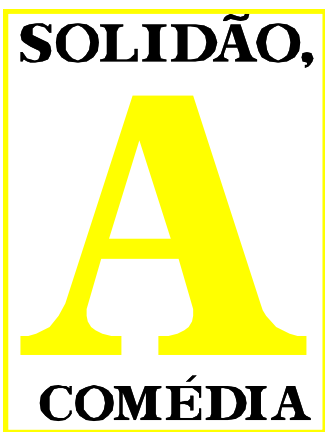


COMÉDIA

O músico Lourenço Schmidt

OMB 32.652

Guitarrista, Tecladista, Arranjador, Compositor, Músico de Estúdio, Aulas de guitarra, Produção de trilhas e jingles, Arranjos, Restauração de gravações em vinil e cassete, Editoração eletrônica de partituras e transcrições, Cópias de cds e mds. Trabalhos com bandas nas funções de guitarrista, tecladista, arranjador, compositor e produtor musical; Trabalhos com Áudio Publicitário: criação e produção de Jingles, Spots Trilhas para Teatro, Cinema e Video na Solo Comunicação, Primeira Impressão e como criador free-lancer ; Diversos trabalhos com arranjo para cantores via plataforma Home-Studio: Programação midi, Gravação Digital, Masterização e Finalização em Md e Cd-R; Trabalhos com transcrição de músicas e editoração eletrônica de partituras (Inclusive para registro de direitos autorais); -Experiência como operador de áudio plataforma hard-disk Pc no AllgayerStudio e Solo Produtora de Áudio; Domínio operacional de Softwares específicos para áudio, midi e editoração de partituras em plataforma Pc: Sound Forge, Cakewalk Pro Audio, Acid, Encore; Ingresso na faculdade de Música da UFRGS com 17 anos, curso Bacharelado em Violão, matrícula 2050-97/02; Extensa experiência em sessões de gravação em estúdio como músico e produtor musical; Experiência como professor de guitarra desde os dezessete anos; Experiência como músico de Câmara durante um ano e meio, período em que integrou o Octeto de Violões da UFRGS, quando cursava a Faculdade de Música-Bacharelado em violão, matrícula 2050-97/02; Em maio de 2000 fui um dos brasileiros selecionados para receber uma bolsa auxílio para estudar na Berklee College of Music em Boston, USA, através do Conservatório de Música Souza Lima em São Paulo, SP; Trabalho com as Bandas: Véia Lôca, Izmália, Os Relógios de Frederico, Fróide Explica, Michael Korfmann & The Electric Moonlight Band e, atualmente, projeto solo como Lourenço Schmidt e trabalho com banda Aqua-Play do selo Antídoto;



As Premiações do espetáculo



COMÉDIA

As Premiações do espetáculo

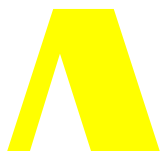
No I FESTIVAL NACIONAL DE MONÓLOGOS DE AVARÉ – SP: Em abril de 2000

Melhor Espetáculo – Júri técnico;
Melhor Espetáculo – Júri Popular;
Melhor Diretor – Nilton Filho;
Melhor Ator – Carlos Paixão;
Melhor Iluminação – Hyro Mattos;
Melhor Figurino – Nilton Filho e Carlos Paixão.
Indicações para:
Melhor Sonoplastia,
Melhor Cenografia e Melhor Maquiagem.

No IV FESTIVAL NACIONAL DE MONÓLOGOS DE MARÍLIA – SP: Em julho de 2000

Melhor Espetáculo – Júri técnico;
Melhor Espetáculo – Júri Popular;
Melhor Diretor – Nilton Filho;
Melhor Ator – Carlos Paixão;
Melhor Iluminação – Hyro Mattos;
Indicações para:
Melhor Sonoplastia,
Melhor Figurino,
Melhor Cenografia e Melhor Maquiagem.

SOLIDÃO,



COMÉDIA

**A Imprensa
e o espetáculo**



COMÉDIA

**Liberação da
SBAT**

SOLIDÃO,



COMÉDIA

Os Releases

SOLIDÃO,

A

COMÉDIA

**O texto de
Vicente Pereira**



COMÉDIA

O Índice



COMÉDIA

O Índice

APRESENTAÇÃO POR MARISTELA BAIROS	01
CRÍTICA DE ANTÔNIO HOHFELDT	04
A SINOPSE DO ESPETÁCULO	06
A CONCEPÇÃO DO ESPETÁCULO	08
A MÚSICA DO ESPETÁCULO	10
A LUZ DO ESPETÁCULO	12
A PLANTA DE LUZ	14
A CENOGRAFIA	16
O FIGURINO	18
A FICHA TÉCNICA	20
A CIA. DE TEATRO CONSTRUÇÃO	22
O DIRETOR NILTON FILHO	25
O ATOR CARLOS PAIXÃO	28
O ILUMINADOR HYRO MATTOS	30
O MÚSICO LOURENÇO SCHMIDT	32
AS PREMIAÇÕES	34
A IMPRENSA	36
LIBERAÇÃO DA SBAT	37
OS RELEESSES	39
O TEXTO DE VICENTE PEREIRA	41
O ÍNDICE	42